A indústria vinícola em Andradas, a imigração italiana e a economia do vinho na primeira metade do século XX.

Ricardo Luiz de Souza¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo escamotear parte da história que concerne à introdução e desenvolvimento da vitivinicultura no município sul-mineiro de Andradas, entre o final do século XIX e começo do século XX. Tal estudo também se designa a desvelar os imigrantes italianos e seus descendentes como os principais agentes perpetuadores de tal atividade econômica no município. A partir de fontes primárias e secundárias, traçaremos um paralelo sobre a grande participação que os imigrantes italianos tiveram no desenvolvimento econômico do município em questão. Além disso, também discorreremos sobre o interesse do Estado de Minas Gerais, e, de certa forma, também do Governo Federal, nessa nova atividade econômica que se desenvolvia nesse município sul-mineiro.

Palavras-chave: vitivinicultura; subestação; imigração; italiano; economia.

Introdução

A imigração italiana para o Brasil sempre foi uma temática de grande investigação histórica, pois o caráter dinâmico que tal imigração causou nas localidades em que foi introduzida alterou profundamente a economia, culinária, política, sociedade, educação e até o esporte. Existe assim, nesse ínterim, uma bibliografia extensa sobre a imigração italiana no Brasil. Contudo, ainda faltam pesquisas históricas que possam melhor contextualizar as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que esse acréscimo demográfico trouxe ao Sul do Estado de Minas Gerais.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar a imigração italiana para o município de Andradas. Além dessa premissa, objetivou-se estabelecer uma relação entre esse fluxo migratório e a sua relação com o desenvolvimento da vitivinicultura na localidade, visto que tal atividade foi uma das indústrias mais efetivas e importantes para o município em questão. Esse trabalho também se designou em estabelecer os agentes perpetuadores dessa atividade econômica na passagem do século XIX para o século XX.

Sendo assim, o presente trabalho está da seguinte forma estruturado: em um primeiro momento, tratou-se de estabelecer a introdução e o desenvolvimento da vitivinicultura em Andradas, assim como seus principais agentes perpetuadores. Em outro momento do artigo, discorreremos sobre a introdução e o estabelecimento dos imigrantes italianos no município de Andradas, assim como a sua importância para o desenvolvimento da indústria do vinho. Por fim, discorreremos sobre o interesse estatal na vitivinicultura andradense.

¹Especialista em Mídias na Educação pela UFSJ, Graduado em História pela UFRRJ e Historiador da Prefeitura Municipal de Andradas-MG

A introdução da vitivinicultura em Andradas

Em meados do século XIX, a uva já era amplamente plantada e difundida em alguns municípios paulistas, tais como Jundiá e São Roque. Nessas localidades, o cultivo e a produção já seguiam um certo vulto, devido principalmente a proximidade dessas localidades com a cidade de São Paulo, capital que crescia de forma exponencial a partir do último quartel do século XIX. Nessa mesma época, a vitivinicultura já estava presente em diversas localidades de Minas Gerais, mas foi no Sul do Estado de Minas, bem encrostado ao pé da extensa Serra da Mantiqueira, que os mais variados parreirais melhor se desenvolvem. Assim, os parreirais desenvolveram-se satisfatoriamente nos “municípios de Baependi, Campanha, Caldas e Caracol²” (INGLES DE SOUSA, 1996: 39).

Em 29 de fevereiro de 1888, por mediação do Cel. José Francisco de Oliveira³, foram plantadas vinte variedades de parreiras provenientes da França, por mediação da empresa ElachFreres& Cia, de São Paulo. Entre estas, cerca 487 pés da variedade Jacques foram plantados. O Cel. Oliveira realiza alguns experimentos com essas cultivares em suas propriedades, e percebendo que seus experimentos logram êxito, logo começa a produzir vinhos⁴. José Francisco de Oliveira era um grande fazendeiro da Vila do Caracol, possuindo grandes lotes de terras e plantel de escravos, sendo bastante plausível a hipótese que os primeiros cultivadores da uva na região sejam seus escravos. Esse proprietário também era o único em toda a Vila do Caracol que possuía maquinário a vapor em sua propriedade (VEIGA, 1874:40). No relatório realizado pela revista do Arquivo Público Mineiro, no ano de

²Através de Lei provincial do dia 1º de setembro de 1888, a Freguesia de São Sebastião de Jaguary é elevada a Vila de Caracol, sendo instalada no dia 22 de fevereiro de 1890 (data oficial do aniversário da cidade). O nome Caracol parece ter sido influenciado pela serra que cerca a cidade, de mesmo nome. No ano de 1892, inicia-se o trabalho da Câmara Municipal na Vila do Caracol. Já no ano de 1918, instala-se o Termo Judiciário na Vila. Em 1925, a Vila é elevada à condição de cidade. Porém, em 20 de setembro de 1928, por iniciativa de um membro da Câmara Municipal, o nome da cidade é alterado: de Caracol passa a se chamar Andradas, em homenagem ao então Governador do Estado de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, descendente direto dos históricos Andradas (para muitos autores, os patriarcas da Independência).

³Os vinhos produzidos pelo Cel. Francisco José de Oliveira foram destaque em concurso, alcançando elevada qualidade. Tal concurso foi realizado na então capital de Minas Gerais, a cidade de Ouro Preto. *Jornal Correio de Poços. Número 90*, 26 de junho de 1891. *Acessado em memóriaa.bn*

⁴O pioneirismo do Cel. José Francisco de Oliveira, proprietário da Fazenda Pirapetinga na Vila do Caracol, também é citado na *Revista Industrial de Minas Geraes*, que destaca que o viticultor resolveu praticar “novos ensaios de aclimação e cultura, e comprou de uma casa importadora, a Loja do Japão -, na cidade de São Paulo, em agosto de 1890, grande quantidade de mudas enraizadas de videiras de diferentes casas, que passam por productoras de bom vinho”. OLIVEIRA, Francisco de Paula. *Revista Industrial de Minas Geraes*. MEDRADO, Alcides (Editor). Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, ano I, n. 4, 15 de janeiro de 1894: 15.

1900, na página 100, o Coronel José Francisco de Oliveira é descrito como o maior produtor de uvas e vinhos da região:

Ha diversas fabricas de assucar e aguardente, bem como duas machinas de beneficiar café. Ha tambem duas de vinho, cuja produção orça por 80 pipas atualmente. Na principal delas, de propriedade do Cel. José Francisco de Oliveira são cultivadas as mais distictas e nobres variedades da videira americana, taes como: a Cyntheana, a Rulander, a Jacques (Lenver) A Herbomont e a Norton'sVirinea: cujos excellentes produtos conquistam neste e no visinho Estado de São Paulo a mais notável e merecida fama, alcançando preços fabulosos em relação aos produtos das outras fabricas da comarca de Caldas, onde esta indústria largamente se desenvolve, sob os mais promissores auspícios.

A primazia na produção de vinhos na região pelo Coronel Oliveira também pode ser verificada na tese de Carlos Rovaron. Neste trabalho, o historiador Rovaron analisou diversos contratos de compra e venda de imóveis rurais na região de Caldas- MG, feitos durante o decorrer do séc. XIX. Todavia, em um desses documentos, Rovaron localiza uma certa propriedade da região que pertence ao Cel. José Francisco de Oliveira; porém, nas entrelinhas do contrato analisado, podemos perceber algumas informações e características sobre a propriedade.

Em 1891, José Francisco de Oliveira vendia a Manoel Augusto de Oliveira a Chácara Perapetinga, nos subúrbios da Vila Caracol, contendo: máquina a vapor de beneficiar café, uma casa com pastos contíguos e anexos, partes de terras de culturas com fábrica de vinho e vinhedos formados, mais uma olaria. (ROVARON, 2015: 97).

De acordo com Silva (1996), as videiras e a produção de vinho desenvolvem-se lentamente a partir do pioneirismo do Cel. Oliveira, espalhando-se para quintais de outros produtores vizinhos ao Coronel. Em 1911, a antiga Vila do Caracol já desponta como a segunda maior produtora de vinho do Estado de Minas Gerais, com a produção de 49.500 litros de vinho. A cidade vizinha de Ouro Fino, encabeça a lista dos maiores produtores do Estado, com mais de 79.000 litros de vinhos produzidos em 1911 (JACOOB, 1911: 42).

Em 1913, nas suas páginas 108 e 109, o questionário sobre as condições da agricultura de 176 municípios no Estado de Minas Gerais, publicação que era ligada ao Serviço de inspeção e defesa agrícola de Minas Gerais e financiada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, disserta que a cal e o sulfato de cobre são os produtos mais usados contra as doenças nas videiras do município de Caracol. Esse questionário também salienta nas páginas descritas anteriormente que Caracol é “um dos municípios mais ricos do Sul de Minas”. Além disso, tal relatório descreve que a safra de vinho em 1912 é calculada

em 800 pipas⁵, que segundo os preços então possíveis, pode render 200:00\$000 aos cofres municipais.

Já no ano de 1918, o Jornal Caracolense “A Defeza”, realizou uma crônica sobre o município de Andradas, descrevendo as diversas atividades econômicas que seus habitantes realizavam e as suas particularidades. Dentro do artigo há uma menção ao cultivo da uva.

Os vinhedos municipais, apesar das pragas que tem-se aumentado consideravelmente, tiveram uma safra abundante, exportando os vinhateiros mais de 6000 quintos de vinhos que são muito apreciados e vendidos nos melhores mercados; e maior seria a exportação se grande parte da colheita fosse vendida em cachos aqui mesmo (A Defeza. Caracol, 01 de Janeiro de 1918: 02).

Uma vez que os cepos de videira estavam adaptados ao clima, solo e a altitude da Vila do Caracol, a vitivinicultura iria se desenvolver ainda mais nos decênios posteriores e, principalmente, cresceria com o novo elemento social que surgira no espaço regional: o imigrante italiano.

Os italianos e o cultivo da uva em Andradas.

O atual território de Andradas, localiza-se na porção Sul do Estado de Minas Gerais e é limítrofe com alguns municípios paulistas, tais como São João da Boa Vista e Espírito Santo do Pinhal. A Vila do Caracol recebeu muitos imigrantes provenientes das fazendas de café dessa região, que é pertencente a extensa e rica região da Mogiana Paulista. Esses imigrantes provenientes majoritariamente do norte da Itália⁶, vieram para substituir os ex-escravos que trabalhavam nas fazendas de café da região, e posteriormente, para virarem proprietários. O historiador andradense João Moreira da Silva, autor da obra “Caminhando de Samambaia a Andradas”, organizado postumamente por sua filha, amemorialista e historiadora Nilza Alves de Pontes Marques, adverte para às condições socioeconômicas que fizeram à vinda desses imigrantes para a região de Andradas:

O fim da escravidão ainda tardaria quase dez anos, mas, em 1880, o café já exigia a contratação de mão-de-obra para o trato e a colheita. O Brasil (principalmente o Sul) iniciava apolítica de atrair imigrantes alemães e italianos. Em São Sebastião do Jaguaray não era diferente os italianos começaram a chegar, a partir da abertura oficial à imigração, em 1893. Contratados para substituir os escravos, moraram inicialmente nas senzalas. Os registros guardam nomes das primeiras famílias: Guido, Athanazio, Venturelli, Baldassari, Benassi, Conti, Trielli, Longo. Por essa

⁵Uma pipa possui a capacidade aproximada de 650 litros de vinho.

⁶A memorialista e historiadora Nilza Alves de Pontes Marques identificou que a grande maioria dos imigrantes que vieram para Andradas eram provenientes do Vêneto. Ver: MARQUES, Nilza Alves de Pontes Marques. **Os Estrangeiros na Construção de Andradas**. Andradas: Caseli & Ribeiro Gráfica e Editora LTDA. 1995.

época, havia cerca de cem casas na comunidade, das quais três assobradadas mais antigas e mais de vinte, novas (MARQUES, 1995: 128).

Nesse ínterim, de certo modo o Estado de Minas Gerais, de certo modo, também “copiou” o modelo paulista de subvenção à imigração a partir de 1890, mas sem conseguir atrair o mesmo quantitativo que o Estado vizinho. Esse fator reforça a hipótese de que os italianos que aportaram em Andradas vieram da região cafeeira de São João da Boa Vista, na Mogiana. Acerca da subvenção do Estado de Minas para a imigração, Petrone (1997) afirma:

Em Minas gerais, onde a cultura do café apresentava grande desenvolvimento em fins do século passado, quis-se imitar o “sistema paulista” de atrair imigrantes. A partir de 1892 o Estado passou a subsidiar as passagens dos imigrantes que deviam resolver os problemas de mão-de-obra dos fazendeiros de café. Mas, ao contrário do que acontecia em São Paulo, os imigrantes deviam, depois de instalados, reembolsar o Estado com dois terços dos gastos, além de os fazendeiros serem obrigados a se responsabilizarem por uma parte das despesas. Em 1894, percebendo-se que esse sistema não dava resultado, e que assim não se poderia atrair imigrantes que preferiam São Paulo, o governo resolve subsidiar inteiramente a passagem, além de criar em Gênova um escritório que devia promover a imigração de italianos para Minas Gerais. (PETRONE, 1997: 121).

A Estrada de Ferro Mogiana S.A possuía ramais e estações nos municípios paulistas limítrofes com a Vila do Caracol, nos quais a cafeicultura se desenvolvia vigorosamente. Esse fator logístico e a proximidade que tais localidades possuíam da Vila do Caracol pode ter contribuído para que muitos imigrantes viessem para a Vila com o objetivo de comprar lotes de terra ou simplesmente trabalhar em outras ocupações.

Com respeito ao contingente social que compunha a Vila do Caracol, a Revista do Arquivo Público Mineiro, do ano de 1900, assim descreve: “Ha no districto grande numero de trabalhadores estrangeiros, de nacionalidade italiana em sua quasi totalidade, que vencem o salario de 2\$ a 8\$ com ou sem alimentação fornecida pelos proprietários”. Essa fonte nos revela que talvez uma parte dos imigrantes que vieram para Andradas não se constituíam inicialmente de pequenos sítiantes, mas de jornaleiros que trabalhavam em diferentes propriedades locais. O relatório da Revista do Arquivo Público Mineiro ainda descreve que a totalidade dos negociantes da Vila é estrangeira, de maioria italiana. Tal fonte ainda traz uma informação importante acerca do destino dos ex-escravizados da região:

A emigração para fora do municipio nos últimos tempos, quer para outros pontos deste Estado, quer para o do São Paulo consiste apenas de ex-escravos, cujo numero estima-se em 1500, e que abandonaram esta localidade por não quererem submeter-se ás justas e previdentes exigências da autoridade policial no sentido de obrigalo-os a empregar-se. Esse movimento, porém, cessou, com a sahidade população ociosa e inútil. (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Chorographia Mineira (município de Caracol). Imprensa oficial de Minas Gerais. Bello Horizonte, 1900:06)

Se por um lado foi o Cel. Oliveira que instala e prepara as cultivares de uvas para se adaptarem ao clima, solo e altitude da antiga Caracol, por outro lado são os imigrantes italianos e seus descendentes que fizeram da vitivinicultura uma importante economia da região, expandindo-a em seus pequenos terrenos. Esse novo grupo social adaptou-se muito bem ao cultivo da parreira, pois muitos desses trabalhadores já tinham conhecimentos e experiências sobre a cultura da uva, desde os tempos de quando eram trabalhadores na Itália. Adaptaram-se também muito bem ao cultivo da uva Jacques, a videira historicamente mais cultivada do município e a que mais se adaptou ao clima da região.

Em 1917, um dos jornais da antiga Vila do Caracol relata a importância da presença italiana nas mais distintas ocupações e meios econômicos da localidade sul -mineira. Tal periódico é bastante enfático ao relatar a representatividade e a importância social dos imigrantes e seus descendentes na sociedade caracolense:

[...]É, sem dúvida, predominantemente neste município, **a colônia italiana**. Em todos os ramos que constituem a nossa atividade coletiva e publica, tem a laboriosa colônia italiana, de Caracol, os seus representantes. A nossa lavoura agrícola tem nesse elemento de progresso e de riqueza a cousa única do seu aumento sempre crescente. O incremento que as nossas fazendas têm tomado ultimamente, produzindo resultados bastante compensadores aos seus felizes proprietários, é devido exclusivamente a essa laboriosa colônia que, procurando resultados satisfatórios aos seus esforços e às suas energias dispendidas, cultivando e valorizando imensamente essas propriedades agrícolas, permite aos seus proprietários resultados positivos, risinhos e benfazejos.

[...]É também no comércio local vantajosamente representadas. Enfim, em todos os ramos da nossa vida activaella tem seus representantes, e numerosos, que concorre para a nossa riqueza e para o progresso e adiantamento do lugar. [...] **A riqueza agrícola de Caracol é facto e está, indubitavelmente nas mãos desse elemento trabalhador e progressista**[...] . (PEREIRA, Fábio. Honra ao Mérito. Jornal a"Defeza". Anno I- nº 7- Caracol, 22 de julho de 1917:01.)

Muitas outras localidades sul-mineiras limítrofes com o Estado de São Paulo também receberam uma grande massa imigrante de diversas nacionalidades, contudo, o maior número era de proveniência italiana. Atraídos por melhores opções de trabalho, moradia ou pela possibilidade de compra de terras, muitos imigrantes cruzaram as divisas dos Estados e adentraram em solo sul-mineiro. O recenseamento de 1920, presente no Anuário Estatístico de Minas Gerais nos dá um importante quantitativo do total de imigrantes no primeiro quartel do século XX, no município de Caracol (Andradas)

Quadro 03:**Imigrantes**

e sua

Pais	Homens	Mulheres	Total
Alemanha	5	4	9
Áustria	7	4	11
França	2	2	4
Espanha	161	118	279
Itália	636	513	1149
Portugal	30	27	57
Outros países Europeus	1	1	2
Argentinos	2	2	4
Turquia Asiática	22	13	35
Brasileiros	10047	9358	19405

proveniência na Vila do Caracol.

Partindo da observação da tabela descrita acima, podemos perceber que a maioria dos imigrantes no município é composta de italianos. Contrastando-a com a matéria do Jornal “A Defeza”, podemos observar um certo exagero por parte desse último, entretanto, não podemos negar a grande participação da população italiana na composição social e demográfica do município. Outros grupos de diversas nacionalidades também se instalam, sendo o segundo grupo com maior volume demográfico o dos espanhóis. Todos esses povos compartilhavam um sonho em comum que era “fazer a América”, ou seja, prosperar⁷.

Outrossim, o recenseamento agrícola realizado pelo Estado de Minas Gerais no ano de 1920, nos dá um importante dado sobre a distribuição fundiária da Vila do Caracol. Do total de terras recenseadas, 128 propriedades são pertencentes aos imigrantes. Essas terras possuem uma área total de 4.118 há. Calculando em média simples, obtemos em média cerca de 32 há por propriedade. É um grande contraste com a ocupação da terra por brasileiros, pois do total de uma área de 32.658 há, existem 432 proprietários brasileiros. Usando a média simples, temos aqui como a área média 75 há. A partir desses dados, podemos sugerir que as glebas de terras dos imigrantes eram bem menores do que os dos nativos, e que, desta maneira, pode representar um grande fracionamento fundiário na região.

Uma vez donos de seus próprios terrenos, os imigrantes dão início ao plantio de café e gêneros de primeira necessidade (milho, feijão, arroz, etc.), mas também deixam parcelas de suas terras para o cultivo de uva, já que essa cultura adaptou-se tão bem ao solo, clima e altitude da região. Com essas uvas, começam a produzir vinhos artesanais para o consumo próprio, para as festividades religiosas ou para a recreação com amigos e vizinhos. Assim, essas propriedades que outrora plantavam café como atividade principal, passam também a cultivar a uva e a produzir vinho em pequenos barracões ou no porão das casas.

Como forma de corroborar com as informações descritas acima, analisamos o processo de inventário de Edwiges Basso Fossa, registrado no Cartório do 2º Ofício da Comarca de Andradas. Este inventário assinala que os bens da Sra. Edwiges Basso Fossa eram constituídos de 1.1/2 alqueires/ de terra, com 1.500 pés de videiras em produção, e mais

⁷ A grande maioria dos imigrantes vindos da Itália considerava o trabalho na fazenda de café como passageiro. Economizavam seu parco dinheiro durante anos, com o desígnio de tornarem-se proprietários de terras. A possibilidade de conseguir um lote de terra dentro de alguns anos era o grande chamariz para os imigrantes italianos, que em seu país tinham poucas oportunidades semelhantes. In OBERACKER JR., Carlos H O Brasil monárquico, tomo II: reações e transações/ por Francisco Iglésias...[et al.]. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1997- (História geral da civilização brasileira; v. 3, t. 2: 120)

1000 pés de videiras novas, totalizando 2.500 videiras. Já no inventário de Henrique Pastre e Maria Tonon Pastre, datado do dia 07 de outubro 1935, podemos perceber a existência da pequena adega e os demais equipamentos para a produção de vinho.

[...] Uma outra parte de terras, com área de dois alqueires no lugar denominado “morro-secco”, deste districto, terras essas ocupadas com cafês e videiras e pastos. Uma casa de morada regular com uma pequena cantina com os respectivos vasilhames para a fabricação de vinho e mais benfeitorias, confrontando-se essa parte com o falecido Emiliano Pontes, Antonio Trevizan e Randolpho Frizzo [...] (Inventário de Maria Tonon Pastre, de 07/10/1935. Cartório do 2º Ofício da Comarca de Andradas, Folha 04)

Com o passar do tempo, estas numerosas adegas que vão se formando começam a comercializar seus vinhos com variados locais, seja por conta da qualidade, da aceitação no mercado, ou também, do desenvolvimento da indústria de bebidas nacional. Nisso, os vinhos produzidos pelos vitivincultores andradenses começam a ser vendidos para diversas localidades de Minas Gerais e no crescente mercado paulista. Aliada ao fator do crescimento da indústria nacional nos primeiros decênios do século. XX, verifica-se também uma melhoria nos transportes em geral, sendo esse um fator primordial que contribuiu para o sucesso da empresa vinícola de Andradas. Dessa forma, o escoamento do vinho para as cidades do interior de São Paulo e, principalmente, para a capital paulista, eram facilitados pela melhoria no transporte rodoviário e pelo alcance das ferrovias. Assim, começa a se criar uma economia que alcançara seu auge nas décadas de 1950, 1960 e 1970, fazendo com que Andradas seja a maior produtora de vinho do Estado de Minas Gerais e a segunda maior zona produtora do país.

O interesse estatal na vitivinicultura andradense.

A produção de vinhos entraria em um processo que estava acontecendo no campo brasileiro: A modernização agrícola. Tal processo modernizante não só residia no fato de se produzir no campo só resultados econômicos, mas que tais resultados trouxessem também implicações relacionadas a um dinâmico desenvolvimento social e tecnológico do homem do campo. Nesse ínterim, são destacadas o emprego dos técnicos e agrônomos, além da utilização em larga escala da mecanização para esse fim, visto que estes elementos seriam primordiais para o processo modernizador da agricultura.

O contexto político, social e econômico em que o Brasil vivia após a Proclamação da República era de intenso debate acerca do modelo econômico que a nação deveria seguir. De um lado, uma corrente defendia a industrialização do Brasil e a formação de uma mercado

interno, além de uma diversificação das atividades realizadas no campo. De outro lado, ficavam os defensores do agrarismo e da “vocaço agrcola do pas para a agricultura”.

O caf, no decorrer dos anos da Primeira Repblica, comea a passar por diversas crises de superproduo e dificuldades de exportao. Foram criadas polticas prprias para o caf, como a defesa permanente, onde o produto era subsidiado e estocado para vendas futuras. Esse sistema de proteo fez com que os plantios se alastrassem de uma forma nunca antes vista, criando superprodues que eram muito maiores que o consumo mundial da bebida. O Brasil adquiriu emprstimos no exterior com o objetivo de comprar o excedente da produo, ttica econmica essa que desestabilizava cada vez mais a economia, criando uma atmosfera de crise que se perpetuaria durante os anos 20, e, principalmente com o Clash da Bolsa de Nova York em Outubro de 1929, alm de ser fator preponderante entre a ruptura das alianas oligrquicas⁸.

 no meio deste clima de mudanas e diversificaes da produo rural que a uva, a laranja e outras frutas, como o abacaxi e a banana, vo se consolidar na pauta de novos produtos para os mercados internacionais e nacionais. A extrema dependncia do caf como principal formador de divisas e a sua quase totalidade da produo concentrada no territrio do Estado de So Paulo, causava mal-estar poltico entre as demais unidades da Federao. Este processo foi uma das principais causas da ciso intraoligrquica dos principais atores polticos da Primeira Repblica: Minas Gerais e So Paulo. Assim, os debates em torno da diversificao econmica nacional expressavam em grande parte, preocupaes de vrios setores da sociedade brasileira com os rumos da nao Seguindo este aparente aspecto da vocao agrcola do pas, Mendona (2002) descreve o fato de que so criados mecanismos burocrticos na Primeira Repblica para tornar a produo agrcola mais coesa, alm de poder atender s diferentes classes dirigentes detentoras dos mais diferentes produtos de exportao.

Racionalizar a produo, tornando-a mais eficiente, esta era a meta dos ruralistas em questo. Produzir mais, com menores custos, seria o lema dos quais se propunham a atualizar a vocao eminentemente agrcola do pas, [...] a “modernizao” das lavouras pela mecanizao, e a diversificao dos cultivos , mediante a adoo de mtodos intensivos de plantio, seleo e beneficiamento das espcies (MENDONA, 2013: 177).

Durante a Primeira Repblica, h o surgimento da SNA (Sociedade Nacional de Agricultura), polo antagnico burguesia cafeeira paulista, pois esse polo cafeeiro era hegemnico nos

⁸ Segundo Snia Regina de Mendona, a dcada de 1920 foi de grande efervescncia poltica, com presses de grupos que negligenciados como o ncleo de poder das oligarquias dos Grandes Estados e aumento do custo de vida nas principais cidades

rumos da economia nacional. Os membros da SNA, em suas reuniões e propostas, procuravam discutir novas formas de desenvolvimento para o Brasil, com a paulatina busca por uma maior diversificação da produção agrícola nacional. Grande parte dos membros da SNA era de origem fluminense e mineira, sendo que esse grupo teria grande importância para o processo de diversificação e burocratização agrícola que iria ocorrer.⁹

Desde o surgimento da República em 1889, algumas autoridades mineiras já perceberiam que o melhor caminho para o afastamento das crises decorrentes sobre a produção cafeeira seria a diversificação. Desde o alvorecer da década de 1890, o governo mineiro na então antiga capital de Ouro Preto começa a incentivar concursos para estimular a produção de vinhos no Estado¹⁰. Eis que a redação do Concurso agrícola de 1895, nos demonstra:

O grande numero de concorrentes vão actualmente mostrando o quanto se pode esperar da viticultura e da vinicultura em Minas, cujo governo não tem poupado esforços nem sacrificios para desenvolver tão poderosa fonte de riqueza, que, popuco a pouco, nos libertará dos perigos que esse exclusivismo **que só faz com que se pense em exportar café.** (Grifos nossos). *Analyses dos Vinhos Mineiros. Concurso Agrícola de 1895. Imprensa Oficial de Minas Gerais. Ouro Preto, 1896, p. 04).*

O Estado de Minas Gerais já via o cultivo da uva e a fabricação do vinho na região da Vila do Caracol com bons olhos, pois com a entrada do século XX, verifica-se um aumento na produção desse produto, possibilitando assim, a probabilidade real de novas receitas para os cofres públicos estaduais. No decorrer das décadas de 1920 e 1930 do século XX, começa a existir um esforço Estadual e Federal para coordenar tal produção e evitar as adulterações constantes nos vinhos engarrafados¹¹.

Não obstante, o Estado de Minas buscava melhor controlar e coordenar os rendimentos advindas dessa atividade econômica. Dessa forma, o jornal *Gazeta de Andradas*, do dia 05 de julho de 1929, elucida esse investimento estatal:

⁹ Amália Dias descreve o aumento significativo do número de membros da SNA, que passou de 4.000 membros em 1911 para 8.000 em 1929. Ver DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Rio de Janeiro, UFF, Tese de Doutorado, 2012.p. 61.

¹⁰ Desde o Império, a Província de Minas Gerais já incentivava a produção de vinhos, como nos mostra a Lei N. 348 de 1848, que autorizava ao Governo provincial a pagar a quantia de quatro contos de Réis para quem primeiro produzisse cinquenta barris de vinho.

¹¹ A adulteração de bebidas era um problema bem comum no Brasil da Primeira República, uma vez que os falsificadores usavam a ideologia do “fetiche da mercadoria” para adulterar vinhos provenientes da França, Portugal e Itália

Segundo Anunciaramos anteriormente, já se acham entre nós, os srs. Dr. Gabriel Lherme e Romain Labarrère, abalisados químicos franceses, contractados especialmente pelo Governo do Estado, para estudar o desenvolvimento técnico da viticultura nesta zona, que como ninguém ignora é a maior productora de vinho em nosso Estado (Gazeta de Andradas, 05 de julho de 1929 :02)

Em outra passagem do texto, o jornal completa:

Com as providencias que o Governo do Estado vai tomar em beneficio da vitivinicultura em Minas, estamos certos de que na regulamentação de seu fabrico e exportação, serão introduzidas medidas tendentes á cohibir aquellas falsificações, de maneira que o vinho de Minas Gerais possa torna-se um produto de especial qualidade, digno portanto, da aceitação do publico do Paiz (Gazeta de Andradas, 05 de julho de 1929 :02)

O então Presidente do Estado de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, em mensagem do Governador para a Assembléia Mineira no ano de 1928, já assinalava o crescimento que a uva e a vitivinicultura estavam tendo nos municipios de Caldas e Andradas. Nessa mensagem, o estadista almejava construir uma estação experimental na região compreendida entre os dois municípios, para assim, aperfeiçoar tal atividade econômica:

A viticultura e a vinicultura, que tão prosperas já estiveram no estado, voltaram a objetificar cogitações mais intensas de certas zonas e notadamente, dos municipios de **Caldas e Andradas**, o que levou o governo a contractar um profissional dessa especialidade, para cuidar do ensino e aperfeiçoamento dessas industrias remuneradoras. É minha intenção estabelecer, naquela região sul-mineira, uma estação experimental para desenvolvê-las, de forma segura. (Grifos nossos. Mensagem do Governador de Minas Gerais, Antônio Andrada, para a Assembleia (MG). 1892 à 1930. p. 135-136)

Com a Revolução de 30, o Governo Provisório de Getúlio Vargas caracteriza-se como um administrador e um centralizador de todas as atividades econômicas do país, fator que ia se acentuar a partir de 1937, com o surgimento do Estado Novo. A vitivinicultura entra nesse processo, pois o Governo Federal incentivaria as atividades econômicas que poderiam ser alternativas para diminuir a dependência do país com a cultura do café e, que também, pudessem impulsionar o mercado interno. Getúlio Vargas e sua cúpula econômica pretendiam desenvolver a produção de bebidas nacionais - em especial o vinho -, para que ocorresse uma diminuição nas importações dessa bebida e, conseqüentemente, uma balança comercial mais favorável (CABRAL, Carlos, 2004 :176). Essa era uma tendência geral que se apresentava de diferentes matizes na América Latina como um todo. O Estado como “administrador da economia”, gerenciando e coordenando a produção em seus mais variados setores. Essa foi uma diretriz altamente utilizada em toda a América Latina:

Este fue también el período en que el Estado representó un creciente papel en la agricultura y en otros sectores de la economía. En toda América Latina, la intervención estatal por medio de organismos burocráticos y programas de extensión, ayudas y comercialización se convirtió en un rasgo ordinario de la economía agraria (OLIVEIRA & ROBERTS, 2005: 279).

A gestão de Távora dentro do Ministério da Agricultura caracterizou-se primeiramente por uma reforma estrutural e funcional do Ministério, com o objetivo de dotá-lo de uma organização mais centralizada e racional¹². Esta reestruturação, completada no decorrer do segundo semestre de 1933, compreendeu também na criação de órgãos especializados como o Departamento Nacional da Produção Mineral, o Departamento Nacional da Produção Animal, o Departamento Nacional da Produção Vegetal, além da Diretoria-Geral de Pesquisas Científicas. Foram também melhoradas as estruturas burocráticas ligadas à estatística da produção e contabilidade, proteção e ao fornecimento de créditos. Em 1937, é criado o Laboratório Central de Enologia, que pouco tempo depois, em 1943, passa a se chamar Instituto de Fermentação. Tais órgãos são ligados à Diretoria de Fruticultura, que por sua vez é englobada dentro do Ministério da Agricultura.

Em 1939, de acordo com o relatório industrial do Estado de Minas Gerais, Andradas possuía 46 adegas, sendo tais instalações empregavam um total de 101 pessoas. De acordo com essa fonte, podemos perceber que a esmagadora maioria das firmas possuíam nomes de proveniência italiana, tais como: Pastre, Salvi, Stivannin, Basso, Bertoli, Beloto, Fossa, Venturelli, etc.

No ano de 1938, o Estado Novo publica o Decreto nº 826, criando uma Subestação de Enologia na cidade de Andradas. Esta Subestação¹³ estaria ligada à Diretoria do Instituto de Fermentação, autarquia subordinada ao Ministério da Agricultura do Distrito Federal. A criação de tal Subestação tinha como principais objetivos norteadores: orientar à vitivinicultura, racionalizar a produção e estabelecer diretrizes para sua extensão. Essa repartição começou a funcionar em 1942, contando com um moderno laboratório para

¹² Távora fora um dos sobreviventes do Movimento Tenentista de 1922. Uma das principais premissas de sua gestão foi a organização e o desenvolvimento tecnológico das atividades econômicas do Brasil. SAES. Guilherme Azevedo Marques de. **O Nacionalismo Econômico e o Desenvolvimentismo do Tenente Juarez Távora (1930-1934)**. II Conferência Internacional em História Econômica & V Encontro de Pós-graduação em História Econômica. Brasília, 23 e 24 de setembro de 2010. p.12.

¹³ Outras subestações de enologia foram implementadas em outras regiões vinícolas do Brasil: Bento Gonçalves (RS), Urussanga (SC), Campo Largo (PR) e Jundiaí (SP). Jornal do Brasil. Sexta-feira, 30 de outubro de 1953. :06.

análises de vinhos e derivados e com uma mão de obra altamente capacitada. O primeiro diretor da Subestação de Enologia foi o agrônomo Pedro de Barros Duarte.

O magazine *Andradas em Revista*, editado pelo Sr. Constante Campos no ano de 1955, descreve a importância econômica da vitivinicultura andradesne no cenário nacional, além de expor sobre a missão e a importância dessa Subestação construída pelo Governo Federal:

Andradas, que ocupa o 1º lugar em produção no Estado de Minas Gerais, é hoje considerada a segunda zona de produção em instalações no Brasil. Vale isso dizer, que temos os nossos estabelecimentos perfeitamente instalados em normas higiênicas, de acordo com as mais rigorosas exigências da legislação que rege o assunto. (CAMPOS, 1955 :97).

A assistência técnica também é uma das atividades mais importantes desenvolvidas pela Subestação; visto que ela abarcava o processo produtivo como um todo, indo desde o momento do preparo do solo, da escolha da melhor parreira, da adubação mais eficiente, da colheita e preparo dos derivados da uva. A assistência também era dada no período da fermentação da bebida, pois era considerada a etapa mais complexa de todo o processo produtivo.

No ano de 1946, segundo o relatório da Agência Municipal de Estatística, Andradas produziu 2.623.514 litros de vinho. Já no ano de 1954, a produção ultrapassou os mais de 3.000.000 de litros de vinho. Porém, grande parte esse crescimento pode ser atribuída com a vinda da Subestação de Enologia, pois a vitivinicultura ganha novo fôlego e força frente às adversidades. Segundo Constante Campos, passa a existir a produção vinícola antes e depois do surgimento da Subestação de Enologia, pois com o surgimento dessa ferramenta governamental, a qualidade, o zelo do produtor com a parreira e os tratamentos culturais nas plantações subiram de patamar:

A uva destinada a produção de vinhos, além de atenções anteriores na fase de seu cultivo, é analisada quando ainda pende nos vinhedos. Seus teores em açúcar e ácidos são cuidadosamente dosados, verificando-se assim seu estado de maturação. A colheita somente é feita quando esse estado atinge o ponto máximo, isto é, quando se considera que a mesma poderá constituir-se em ótima matéria prima, capaz de produzir excelente vitinificação. São indicadas então as correções legais que se faz mister, para o perfeito equilíbrio do produto. (CAMPOS, 1955 :99)

A Subestação de Enologia também desenvolvia pesquisas com o intuito de adaptar variedades de parreiras que atribuissem melhor qualidade aos vinhos andradeses. A partir das proposições apresentadas no texto, podemos perceber o interesse do Ministério da Agricultura em desenvolver essa atividade em Andradas, já que era uma atividade econômica

que estava em pleno desenvolvimento¹⁴, além é claro, de atingir um dos grandes objetivos do período getulista: a diversificação da produção regional e nacional.

Considerações finais

A partir deste trabalho que se fundamentou nas mais variadas fontes, podemos salientarmos que a vitivinicultura de Andradadas possui diversos agentes perpetuadores. Se por um lado é o fazendeiro Cel. José Francico de Oliveria que importa as mais distintas cultivares de parreiras e as adapta às peculiaridades da região; por outro, é a vinda dos imigrantes italianos que potencializa a produção de vinho em Andradadas.

A partir das fontes analisadas podemos inferir que a imigração italiana para Andradadas foi bastante expressiva. Sua proximidade com importantes centros cafeicultores de São Paulo contribuiu para esse estabelecimento de imigrantes e seus descendentes, que com o dinheiro adquirido no trabalho com o café, começam a comprar terras para se estabelecer. Outrossim, a vitivinicultura desenvolveu-se como uma fonte alternativa de renda, que servia de início para a produção própria das famílias italianas. Porém, tal atividade desenvolveu-se com as melhorias nos transportes e o crescimento das cidades do Estado de São Paulo, no decorrer do século XX. Outrossim, é importante salientarmos o interesse estatal nessa atividade, pois o Brasil vivia uma época de muitas mudanças políticas e econômicas, e, dentro deste contexto, a vitivinicultura poderia ser uma das novas atividades realizadas para se tirar a dependência do café.

Sendo assim, reforça-se a necessidade e a importância de ressaltar que esta pesquisa não esgota o assunto sobre o desenvolvimento vinícola em Andradadas e, também, o estabelecimento e a consolidação do imigrante italiano no município. Destarte, esse trabalho tem a premissa de ser estendido, usando um maior referencial teórico, outras fontes primárias e secundárias, além para análise e arguição.

Fontes e Referências Bibliográficas

Fontes

¹⁴Em uma reportagem especial feita pelo Jornal Semanário Andradense, no ano de 1957, a produção de uva foi de 8 540 305 kg. Já a de vinhos foi de 5. 978. 213 litros. O jornal ainda faz uma menção ao aumento do número de parreiras: mais de 272 000 pés de uva foram plantados em 10 anos. O periódico ainda faz menção ao comentário técnico do Diretor da Subestação de Enologia de Andradadas, em que o agrônomo descreve a partir de pesquisas de laboratório, que a uva produzida em Andradadas é a mais doce do Brasil. (Semanário Andradense, 14 de abril de 1957. p. 01.

Analyses dos Vinhos Mineiros. Concurso Agrícola de 1895. Imprensa Oficial de Minas Gerais. Ouro Preto, 1896, p. 04).

ANDRADA, Antônio Carlos Ribeiro de. Mensagem dirigida pelo Presidente do Estado Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada ao Congresso Mineiro em 1928. Belo Horizonte. Imprensa Oficial.

Andradas em Revista. Organizada por Constante Campos. Andradas, 1955. Acervo do Museu Municipal João Moreira da Silva

AnuarioEstatistico de Minas Gerais, anno de 1921

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Chorographia Mineira (município de Caracol). Imprensa oficial de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1900

BRASIL. Decreto-Lei n. 826, de 28 de outubro de 1938. Modifica a lei n. 549, de 20 de outubro de 1937. Coleção das leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro, v. 4, p. 75, 1939.

BRASIL. Lei n. 549, de 20 de outubro de 1937. Dispõe sobre a fiscalização da produção, circulação e distribuição de vinhos e derivados e criação do respectivo serviço. Coleção das leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro, v. 3, p. 224, 1938.

JACOOB, Rodolfo. Minas Gerais no XXº Século. Gomes, Irmão & C. Rio de Janeiro, 1911

Jornal "A Defeza". Anno II Caracol, 01 de Janeiro de 1918

Jornal "A Defeza". Anno I- nº 7- Caracol, 22 de julho de 1917

Jornal Correio de Poços. Número 90, 26 de junho de 1891. *Acessado em memória.a.bn*

"Jornal do Brasil". Sexta-feira, 30 de outubro de 1953 :06.

Jornal "Gazeta de Andradas", 05 de julho de 1929

Jornal "Semanário Andradense", 14 de abril de 1957. p. 01.

Lei n. 348 de 20 de setembro de 1848. Minas Gerais. Assembleia Legislativa Provincial. Ouro Preto. Tipografia social. 1848. Microfilme: leis mineiras rolo 01-flash 14; PAPEL

OLIVEIRA, Francisco de Paula. Revista Industrial de Minas Geraes. MEDRADO, Alcides (Editor). Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, ano I, n. 4, 15 de janeiro de 1894.

PEREIRA, Fábio. Honra ao Mérito. Jornal "A Defeza". Anno I- nº 7- Caracol, 22 de julho de 1917

Processo de Inventário de Edwiges Basso Fossa. 15 de abril de 1937. Cartório do 2º Ofício da Comarca de Andradas, Folha 08.

Processo de Inventário de Maria Tonon Pastre. 07 de outubro de 1935. Cartório do 2º Ofício da Comarca de Andradas, Folha 04.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. Almanach Sul-Mineiro. Campanha: Typographia do Monitor Sul-Mineiro, 1874. Acervo da Casa da Memória de Andradas.

Referências Bibliográficas

CABRAL, Carlos. **Presença do Vinho no Brasil: um pouco de História**. São Paulo: Editora da Cultura, 2004

CAMPOS, Sebastião Roberto de. **Andradas e sua trajetória luminosa**. Andradas: Caseli& Ribeiro Gráfica e Editora Ltda, 1996.

CASALECCHI, José Ênio. **Arrolamento das fontes históricas do município de Andradas (Estado de Minas Gerais)**. Revista de história, v. 42, n. 85, 1977. p. 227-240,

COSTA, EmiliaViotti da. **O escravo na grande lavoura. in O Brasil Monárquico, tomo II: Reações e transações / por Francisco Iglésias...** [et al.]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1991.

INGLEZ DE SOUSA, Julio Seabra (Coord.). **Uvas para o Brasil**. Piracicaba: FEALQ, 1996.

KALIL, Thalassa. **O vinho em Andradas (MG): sabor, paisagem, lugar, memória e perspectivas na percepção dos produtores/Wine in Andradas (MG): flavor, landscape, place, memory and prospects in the perception of the producers**. Geograficidade, 2016, 6.2: 50-70. 2012.

KLEIN, Herbert. **Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Boris. (Org.) Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Edusp, 1999.

MARQUES, Nilza Alves de Pontes Marques. **Os Estrangeiros na Construção de Andradas**. Andradas: Caseli& Ribeiro Gráfica e Editora LTDA. 1995.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **Estado e Sociedade, a consolidação da república oligárquica**. Linhares, Maria Yedda. "História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus (1990).p, 322

_____. **Sociedade Civil, Sociedade Política e Agricultura no Brasil (1910 – 1945)**. História e Perspectivas, Uberlândia (48): 43-80, jan./jun. 2013.p.177.

OBERACKER JR., Carlos H. **O Brasil monárquico, tomo II: reações e transações/ por Francisco Iglésias...**[et al.]. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1997- (História geral da civilização brasileira; v. 3, t. 2: 120)

OLIVEIRA, Orlandina de y ROBERTS , Bryan “ **Lasestructuras agrarias de América Latina, 1930- 1990,**. p. 216 – 267. in BETHELL, Leslie. História da América Latina: A América Latina após 1930: Economia e Sociedade Vol. 6. EdUSP, 2005. p. 279.

PASTRE, Rafael. **Evolução Sócio-econômica de Andradas-MG**. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Economia, Unicamp, 2012.

PETRONE, Tereza Schorer. **Imigração assalariada. In O Brasil Monárquico, tomo II: Reações e transações** / por Francisco Iglésias... [et al.]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

ROVARON, Carlos Eduardo. **O xadrez imobiliário: as peças humanas, o tabuleiro de terras e as novas regras do jogo em Caldas-MG (Séc. XIX)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015 (tese de doutorado).

SAES, Guilherme Azevedo Marques de. **O Nacionalismo Econômico e o Desenvolvimentismo do Tenente Juarez Távora (1930-1934)**. II Conferência Internacional em História Econômica & V Encontro de Pós-graduação em História Econômica. Brasília, 23 e 24 de setembro de 2010. p.12.

SILVA, João Moreira. **Caminhando de Samambaia a Andradadas**. Andradadas: Pontes, 1996. (Obra póstuma).